

GOVERNO CONFISCA POUPANÇA DA UFRJ

EXCLUSIVO

Medida tomou R\$ 25 milhões de recursos próprios da universidade. Outras 51 federais foram atingidas. Dinheiro será usado para pagar aposentados

KELVIN MELO

kelvin@adufrrj.org.br

O governo Temer levou a asfixia orçamentária das universidades a um nível inimaginável: por meio da portaria nº 9.420, mais de R\$ 450 milhões de reservas financeiras das instituições foram redirecionados para pagamento de uma parte da folha de pessoal. Só a UFRJ perdeu R\$ 25 milhões com a inédita canetada da Secretaria de Orçamento Federal. “Isso nunca tinha sido feito”, afirmou o secretário-executivo da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Gustavo Balduino.

As reservas financeiras são constituídas de receitas próprias das universidades — ou seja, recursos oriundos de aluguéis, convênios, cursos, entre outras fontes —, que não puderam ser gastas por falta de autorização do governo. As verbas estavam retidas no caixa único do Tesouro. Além da UFRJ, foram atingidas mais 51 universidades e nove hospitais universitários de todo o país. A que

mais perdeu reservas foi a UnB (R\$ 80 milhões), seguida por UFPR (R\$ 66 milhões) e UFRGS (R\$ 59,2 milhões).

“Isso é uma tragédia. Havia a expectativa de usarmos esta reserva para a recuperação do patrimônio histórico e para reduzir déficit”, disse o pró-reitor de Planejamento, Roberto Gambine. “Será um desestímulo ao processo de captação de receitas próprias. Hoje, você arrecada e não pode gastar tudo; agora, ainda vão pegar a reserva”, criticou.

A portaria é ainda mais frustrante para a comunidade acadêmica neste momento em que o Congresso discute uma emenda à lei orçamentária que permitiria às instituições a liberação e livre utilização desta “poupança” em 2019. O pleito é antigo. A novidade é que o montante também não ficaria submetido ao teto de gastos da administração pública.

O confisco causou imediata reação da Andifes. Em ofício ao governo, a entidade solicita a reversão da portaria. A associação dos reitores já se reuniu com o presidente do Tribunal de Contas da União e tenta agendar uma

audiência com o Planejamento.

PLANEJAMENTO RESPONDE

Questionado pela reportagem, o Planejamento justificou a portaria com a “frustração da previsão de arrecadação”. Segundo a pasta, a queda da arrecadação ocorreu porque o Congresso não aprovou Medida Provisória que adia os reajustes do funcionalismo e aumentava a alíquota previdenciária dos servidores. A assessoria limitou-se a dizer que não há impedimento para o uso dos recursos no pagamento de pessoal, nas unidades de origem do dinheiro.

Para o professor Eduardo Raupp, vice-presidente da Adufrj, além de desestimular a captação de recursos próprios, a medida sinaliza uma grave mudança no conceito do orçamento: “Perde-se a garantia do repasse integral de pessoal e vê-se ameaçada a autonomia sobre a gestão do custeio e investimento”. Ele completa: “Não sabemos se o próximo governo vai dar prosseguimento a isso. Vamos entrar em 2019 sem saber quais são as regras do orçamento. E num contexto difícil, de déficit da UFRJ”.

COM NOVO MINISTRO, TEMPOS DIFÍCEIS PARA UNIVERSIDADES

■ Indicado para o cargo pelo filósofo de direita Olavo de Carvalho, o próximo titular do MEC, Ricardo Vélez Rodríguez, deixa claro o tom de doutrinação que pretende impor ao ministério. “A proliferação de leis e regulamentos tornou os brasileiros reféns de um sistema de ensino alheio às suas vidas e afinado com a

tentativa de impor, à sociedade, uma doutrinação de índole cientificista e enquistada na ideologia marxista, travestida de ‘revolução cultural gramsciana’, destinada a desmontar os valores tradicionais da nossa sociedade”, escreveu Vélez. Ele também defende o golpe de 64. “Esta é uma data para lembrar e comemorar”,

afirmou. De linha ultraconservadora, o colombiano Vélez é professor aposentado de ciência da religião da Universidade Federal de Juiz de Fora e emérito da Escola de Comando e estado-maior do Exército. Tem mestrado em pensamento brasileiro pela PUC-Rio, doutorado em pensamento luso-brasileiro pela Gama Filho.

NÃO FALTE: ASSEMBLEIA DE PROFESSORES, DIA 5

> Assembleia

Em busca de consensos

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Preocupados com o destino da universidade pública no governo Bolsonaro, os professores da UFRJ se reuniram na Praia Vermelha e em Macaé para debater estratégias de mobilização da comunidade acadêmica. O encontro ocorreu na tarde de quinta-feira, 22, com transmissão integrada entre os dois campi. Uma nova assembleia está marcada para o dia 5 — o local ainda não foi definido e será divulgado em breve nas redes da Adufrj.

Docentes da oposição e da situação manifestaram desconforto com a falta de participação dos colegas. Havia apenas sete professores em Macaé e 12 na Praia Vermelha. Eduardo Raupp, diretor da Adufrj que tem participado das reuniões nacionais do Andes, contou que todas as seções sindicais sofrem com a desmobilização. “Em todo o país, o quórum está baixíssimo”, explicou. Também diretor da Adufrj, Felipe Rosa conclamou docentes a se unir. “Temos projetos em comum, e devemos nos

unir em torno de consensos, como a defesa da universidade pública e gratuita”, afirmou.

A professora Luciana Boiteux concordou que o momento é de construir uma frente de defesa da universidade. “A situação é muito tensa. Os professores estão com medo. Os ataques já começaram e vão piorar. É o momento de fortalecer o sindicato”, sugeriu a docente do Direito.

O professor Renato Monteiro, da Nutrição, sugeriu atividade de conscientização sobre o papel da universidade. “Temos que fazer uma campanha de valorização do professor”, propôs a professora Marinalva Oliveira, da Educação. A ideia será incorporada à campanha UFRJ Sempre, de valorização da UFRJ.

Os professores ressaltaram a importância de participar de atividades do Andes. “É hora de fortalecer o Sindicato Nacional. Precisamos levar uma delegação forte da UFRJ para o próximo congresso”, ponderou Cláudio Ribeiro, da FAU. O Congresso do Andes será no fim de janeiro em Belém. Na assembleia de 5 de dezembro, será escolhida a delegação da Adufrj para o encontro no Pará.

EM MACAÉ, FAKE NEWS PREOCUPAM

O bombardeio de notícias falsas veiculadas durante a campanha eleitoral presidencial será mantido contra instituições públicas, como as universidades. O alerta foi feito pelo professor Jackson de Souza Menezes na assembleia realizada em Macaé, simultânea à da Praia Vermelha. “Infelizmente, a mídia coloca no mesmo balaio de corruptos todo o serviço público”, disse. “Precisamos nos preparar e ter a capacidade de responder com agilidade a cada ataque”, completou.

A presidente e a vice-presidente da Adufrj, Maria Lúcia Teixeira e Ligia Bahia, conduziram a assembleia no auditório do Nupem/Macaé. Ligia ressaltou a relevância de uma frente ampla para ampliar a capacidade de mobilização. A professora citou a Uerj como um exemplo recente e importante que tem resistido ao desmonte.

O cerceamento às liberdades de pensamento e expressão foi lembrado. A presidente da Adufrj observou que a entidade mantém um canal de comunicação pelo whatsapp (21-99808-0672) para recebimento de denúncias e apoio às vítimas. **(Elisa Monteiro)**

ADUFRJ PERCORRE UNIDADES E DISCUTE CONJUNTURA

■ Reforma da Previdência, ameaça à liberdade de cátedra, ajuste fiscal na educação superior e possível ingerência do governo na escolha dos reitores. Essas foram algumas preocupações que os professores manifestaram nas reuniões de unidades organizadas pela Adufrj nas últimas três semanas. Ao todo, foram oito encontros: dois na Faculdade de Educação, dois na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, um na Física, um no Centro de Tecnologia, um na Faculdade Nacional de Direito e outro no IFCS/IH.

Para reagir ao discurso contra o ensino superior público, os professores do CT defenderam ampliar a comunicação

com o público externo e também com a comunidade interna. Na Física, explica o professor Miguel Quartin, existe o receio que o governo não confirme o nome escolhido pela comunidade acadêmica na próxima eleição para reitor da UFRJ. “Os procedimentos devem ser seguidos muito à risca”, afirma.

Na Educação, a preocupação é tão grande que a mobilização não vai parar nem mesmo com o recesso letivo. De acordo com a professora Jacqueline Girão, a ideia é promover encontros temáticos — sobre a reforma da Previdência, por exemplo — mesmo em janeiro e fevereiro. A manutenção da emenda constitucional do teto de gastos pelo governo

eleito repercutiu na reunião da FAU: “Nossa principal preocupação é com o impacto do ajuste sobre a universidade”, disse o professor Gustavo Macedo.

Já na FND foi criada uma comissão para atuar junto ao setor jurídico da Adufrj na proteção da comunidade universitária. “O cenário que se desenha para a universidade é tenebroso”, alertou a professora Mariana Trotta. No IFCS/IH, é grande a preocupação em garantir a liberdade de cátedra, informa o professor Antonio Jucá. Os docentes devem propor às direções dos respectivos institutos que sejam identificadas as pessoas que entram no prédio, para inibir a presença de provocadores nas aulas.

FERNANDA DA ESCÓSSIA
fernanda@adufrrj.org.br

Que história de racismo cabe no seu turbante? No mês da Consciência Negra, a UFRJ intensificou debates sobre história e representatividade negras. O Conselho Universitário anunciou a instalação da Câmara de Políticas Raciais no Fórum de Políticas de Pessoal para garantir projetos que assegurem a permanência de negros na universidade. Mas um caso de racismo contra uma professora lembrou que o problema persiste.

NEGRITUDE

Participante de um evento acadêmico realizado no hotel Windsor Leme, a doutoranda do Instituto de Bioquímica Médica Tháyna Sisnande, negra, foi obrigada pela equipe do hotel a entrar pela porta de serviço e subiu no elevador junto com o lixo. “Vocês esperam que pessoas como nós estejamos numa posição de servir, como os negros que se encontram servindo o café, tirando o lixo! Mesmo que eu fosse a entregadora de pizza! É desumano subir junto com o lixo!”, postou Tháyna, professora substituta da Faculdade de Farmácia, em suas redes sociais. O hotel se desculpou com a professora e prometeu investigar o caso.

No IFCS, um debate contou a história do racismo no Brasil, e a presença do negro na TV foi discutida na Comunicação. No Sintufrrj, deputadas negras eleitas ouviram sugestões da comunidade acadêmica, e uma oficina de turbantes ensinou mulheres e homens, negros e brancos, a amarrar resistência e cabelos com panos coloridos.

“Não seremos mais interrompidas. Falaremos tudo, assim como Marielle Franco queria falar”, afirmou a deputada estadual eleita Mônica Francisco (PSOL-RJ) na roda de conversa do Sintufrrj. Diretora de Raça e Gênero do sindicato, Denise Góes cobrou ação unificada dos coletivos negros da UFRJ para garantir direitos. O sindicato oferecerá um curso de história negra.

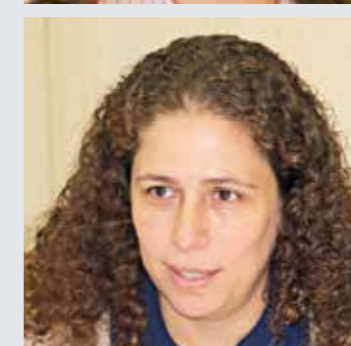
RENAN SILVA/SINTUFRJ



RESISTÊNCIA: debate no Sintufrrj reuniu deputadas eleitas, como Renata Souza e Mônica Francisco

PHODONAS

FOTOS DE FERNANDA DA ESCÓSSIA



VIVÊNCIA FEMININA: Débora Foguel e Esther Dweck participaram do debate

■ Um dia, um renomado professor da UFRJ entrou no laboratório do Instituto de Bioquímica Médica onde a professora Débora Foguel dava expediente. “Professor, o Jerson não está”, Débora respondeu, referindo-se ao marido e colega de laboratório Jerson Lima Silva. O docente disse que queria falar era com ela, pois havia assistido à sua palestra e pretendia lhe propor colaboração. “Fiquei sem ação”, lembrou Débora Foguel, uma das convidadas do debate “PhoDonas”, realizado na Faculdade de Letras. Adriana Vianna, do Museu Nacional, e Esther Dweck, do Instituto de Economia, também compartilharam lembranças e análises sobre a experiência feminina na produção científica. Em comum, destacaram a necessidade de valorizar a produção de mulheres num ambiente dominado por homens. Esther brincou com o nome do evento: “A gente nunca acha que é uma dessas pessoas, mas é bom saber que estamos todas aqui!”

> **Espalhada pelo Rio, campanha da Adufrj destaca projetos e pessoas da universidade. Alunos são chamados para foto**

KATHLEN BARBOSA
kathlen@adufRJ.org.br

Uma imagem de uma piscina azul e um slogan — #UFRJ-Sempre — despertaram na balconista Jéssica de Oliveira um sonho antigo: estudar pedagogia. Em Benfica, onde a jovem mora, está um dos outdoors da campanha da Adufrj para valorizar a UFRJ e defender a universidade pública, gratuita e de qualidade. Com outdoors, busdoors, cartazes e adesivos, o material está espalhado pelo Rio de Janeiro, revelando projetos e personagens da maior universidade federal do país.

Sem nunca ter ido à UFRJ, a jovem ficou surpresa ao saber das outras áreas de atuação da instituição. “Não sabia que a UFRJ traz tantas coisas assim e agora descobri”, contou Jéssica, 18 anos. “Estou com vontade de conhecer e aprimorar conhecimentos lá. Acho muito importante divulgar e valorizar, porque pessoas como eu agora podem conhecer esse outro lado”, destacou.

Carlos Pinkusfeld, professor do Instituto de Economia, reforçou a importância da universidade. “Somos uma instituição de grande contribuição social, tanto formando alunos para o mercado como desenvolvendo ideias, propostas e questões inovadoras”, destacou.

Um dos três eixos da campanha — “#Sou o(a) Primeiro(a)” — convoca estudantes da UFRJ pioneiros em suas famílias a cursar o ensino superior para uma foto coletiva. Será às 11h40, no dia 27, próxima terça-feira, no Restaurante Universitário Central, ao lado da Escola de Educação Física, no Fundão. A campanha destaca o compromisso social da universidade (#UFRJSim), além de projetos e peças que só existem na instituição (#SóTemAqui), como o tanque oceânico da Coppe que encantou Jéssica.

Nas ruas, nas redes, no Rio #UFRJSEMPRE



O QUE CABE NA UFRJ As vitórias de Raquel e Mikel, pioneiros na universidade, o tanque oceânico da Coppe e o compromisso social do Musicultura: cenas de uma universidade com a cara do Brasil

